

Rubem Braga e as questões nacionais no recém inaugurado Estado Novo (1938-1939).

Anelize Vergara ¹¹

Resumo: Busca-se com o presente artigo, apresentar resultados de análises feitas a respeito de crônicas publicadas pelo escritor Rubem Braga na seção *O homem da rua* entre 1938 e 1939 na revista *Diretrizes* (1938-1944). Trata-se de questionar as afirmações que fazem da imprensa periódica um ator passivo diante do processo de instauração do governo ditatorial de Vargas que intensificou o controle dos impressos por meio da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em 1939.

Palavras-chave: *Imprensa, Crônica, Rubem Braga*

Abstract This article presents results of analyzes made regarding chronicles published by the writer Rubem Braga on section *The ordinary man* between 1938 and 1939 in the review *Diretrizes* (1938-1944). It is questioning the statements that make the periodical press of the period passive to the process of establishing the dictatorial government of Vargas who intensified the control of the media through the creation of the Department of Press and Propaganda (DIP) in 1939.

Keywords press, chronicle, Rubem Braga

Eu considereei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com o mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade.

BRAGA, Rubem. *O Pavão*, Rio de Janeiro, novembro de

1- Introdução.

Ao pensarmos nos casos dos periódicos culturais e literários publicados durante a chamada Era Vargas, é possível apontar estudos recentes que têm buscado alternativas às interpretações que tornam as publicações do período como totalmente subservientes ao projeto estadonovista. O caso da Revista do Brasil, por exemplo, ² ilustra as tentativas das publicações do período de construir um discurso de oposição à censura e aos poderosos do momento. Na mesma direção caminham as análises sobre a Revista Careta, sobre a colaboração de Joel Silveira nas revistas Dom Casmurro e Diretrizes, e, finalmente, o estudo específico sobre a política internacional na revista Diretrizes.³

E é no caso desta revista que iremos nos debruçar. A revista *Diretrizes* (ver anexo 1), com o subtítulo *Política, Economia e Cultura* surgiu logo após o advento do Estado Novo, em abril de 1938. Criada por Azevedo Amaral e Samuel Wainer, circulou até julho de 1944, ou seja, praticamente todo o período estadonovista. A revista teve três fases: a primeira fase – que compreende abril a outubro de 1938 – tem por característica a direção de Azevedo Amaral.⁴ Amaral, um dos principais intelectuais do Estado Novo, lançou a revista com o objetivo de analisar de forma crítica, a política nacional e – como indica o nome da publicação – estabelecer as bases para o novo regime político instaurado. A publicação visava, pois, se tornar uma espécie de porta-voz da ditadura estadonovista, legitimadora do regime e, ao mesmo tempo, oferecer sugestões para o seu sucesso.

Amaral ficou responsável pelos editoriais e pela seção *Comentário Internacional*, na qual estabelecia relações intrínsecas entre os acontecimentos internacionais e os caminhos seguidos pela política no Brasil. Porém, em outubro de 1938, Amaral deixou a direção da revista. Estudos indicam que os desacordos políticos entre o intelectual e os colaboradores da revista, somados a disputa pela posse sobre os direitos legais da publicação com Samuel Wainer, levaram a saída de Amaral da direção do impresso.⁵

A partir da saída de Azevedo Amaral, a revista entrou em sua segunda fase, que se estende de novembro de 1938 a novembro de 1940, na qual Samuel Wainer figurou como único proprietário e responsável pela linha editorial. Vale ressaltar, contudo, que a revista alterou significativamente sua linha e deixou de lado as propostas visadas por Amaral, que pretendia alinhá-la ao projeto político varguista, para assumir uma posição política contrária ao Estado Novo, além de manter um caráter antifascista e antinazista.⁶ A terceira fase, de dezembro de 1940 a julho de 1944, caracteriza-se pelo fato de a publicação tornar-se semanal e haver contado, por dois anos, com a participação ativa de Mauricio Goulart ⁷ que investiu significativo capital em *Diretrizes*, orientando a revista até dezembro de 1942. A ordenação interna do material se transformou, com o surgimento de novas seções que davam conta do noticiário esportivo, forneciam dicas de saúde e informações sobre o mundo da cultura, com destaque para personalidades da cena musical e cinematográfica brasileira e internacional e notas sobre artes plásticas, possivelmente com o intuito de aumentar o seu público leitor.

Enquanto circulou, a conjuntura internacional foi amplamente explorada pelos colaboradores de *Diretrizes*, que assumiram postura claramente antifascista e antinazista, o que transpareceu nas reportagens, artigos e crônicas, independente da sua temática. Após a eclosão da Segunda Guerra Mundial, este tipo de posicionamento intensificou-se e a linha editorial passou a apoiar os Aliados e, mais à frente, os Estados Unidos.

Outro destaque da revista foi a publicação de grandes entrevistas. Samuel Wainer, em suas memórias, atribui-lhes parte do sucesso alcançado por *Diretrizes*.⁸ Tais entrevistas causaram forte impacto na época, por tratarem de assuntos polêmicos e, até então, não explorados pela imprensa. Dentre as principais pode-se citar as de Octávio Malta, que entrevistou Aparício Torelly, o barão de Itararé, a de Assis Barbosa, com Heitor Villa-Lobos, ou, ainda, a realizada também por Assis Barbosa com Dilermando de Assis, assassino de Euclides da Cunha e seu filho.⁹ No entanto, apesar de abranger conteúdos relevantes, em 1944 o DIP comunicou à Samuel Wainer que a revista havia perdido o direito à cota de papel.¹⁰ Todavia, ao longo dos anos *Diretrizes* firmou-se no cenário jornalístico e as tiragens, antes de cinco mil exemplares, passaram para vinte mil no ano de 1940, número expressivo para a época.

Os colaboradores de *Diretrizes* foram outra forte marca da revista. Os artigos, reportagens e seções acolheram intelectuais, literatos e jornalistas já renomados ou que viriam a ser reconhecidos pelo público alguns anos mais tarde. Basta citar Joel Silveira,

Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Aníbal Machado, Osório Borba, Jorge Amado, entre vários outros que escreveram para a revista. Não surpreende que o periódico tivesse publicado material de grande relevância e que se articulava com a proposta de realizar a crítica ao regime. Dentre as várias possibilidades oferecidas pelo material, decidiu-se destacar a seção *O homem da rua*, escrita por Rubem Braga.

A seção constituiu-se por crônicas, publicadas entre abril de 1938 e outubro de 1939, inseridas entre a primeira e a segunda fase da revista, num total de dezenove colaborações. A crônica não era publicada numa página fixa, mas tinha como marca uma ilustração que apresentava o desenho de um homem vestindo terno e gravata acenando com um chapéu a mão. (*ver anexo 2*).

Em sua primeira fase, compreendida entre abril e outubro de 1938, a revista *Diretrizes – política, economia e cultura* foi dirigida por seu criador, Azevedo Amaral, então um dos principais intelectuais da cena cultural brasileira, alinhado às posturas do Estado Novo, o que aproximava a publicação do regime. Tratava-se de fato, de sugerir caminhos – diretrizes – em diferentes campos – política, economia e cultura.

Contudo, apesar das intenções de Amaral, a publicação não seguiu uma linha rígida, pelo menos a julgar pelas afirmações de Samuel Wainer que, em suas memórias, afirmou que “já no segundo número, *Diretrizes* se transformara no pólo para onde convergiam os sobreviventes da resistência à ditadura de Getúlio Vargas”.^{11 2}, o que pode ser corroborado por meio da análise da colaboração de Rubem Braga, iniciada em abril de 1938.

Foi no decorrer do citado ano que a revista abrigou as primeiras nove crônicas da seção *O homem da rua*, às quais se devem adicionar outras dez publicações em 1939. Além da colaboração na seção, o autor assinou outros dois textos¹² e teve reproduzido capítulo de um de seus livros – escrito sob o pseudônimo de Roberto Miguel Couto, que abordava questões e acontecimentos em voga na época. Textos que tratavam de temas candentes, em diálogo com o restante do periódico, mas que não são objeto de estudo do presente artigo.

2 - O homem da rua em 1938

Em 1938, primeiros anos da publicação da seção vieram a público nove crônicas, que dialogavam com os acontecimentos políticos e sociais da época. A seguir apresenta-se uma possibilidade de organização temática deste material.

Tabela I

PRINCIPAIS TEMÁTICAS O HOMEM DA RUA (1938)

Assunto	abr	Mai	jun	jul	Ago	set	out	nov	dez
Política nacional									
Golpe do Estado Novo									
Golpe integralista									
Questões urbanas									
Questões sociais									
Intelectuais e o Poder									
Política internacional									

Cumprir explicar as rubricas que compõem o quadro acima. A análise revela que as questões nacionais ocuparam lugar de destaque nas crônicas de Rubem Braga. De fato, os quatro primeiros grupos – Política nacional, Golpe do Estado Novo, Golpe integralista e Política internacional – constituem-se nos quantitativamente mais representativos. A julgar apenas pelo dado numérico, os golpes do Estado Novo e o integralista não teriam atraído particular atenção do cronista. Entretanto, apesar de haver sido abordada de forma explícita apenas duas vezes, tais eventos estiveram presentes, indiretamente, em vários dos textos que compõem a rubrica Política nacional. As novas propostas, colocadas em prática pelo governo estadonovista, foram objeto freqüente de reflexão – caso, por exemplo, do fechamento de escolas e jornais pertencentes a estrangeiros e da extinção de partidos políticos. O mesmo pode-se afirmar em relação ao golpe integralista, mencionado, na condição de tema predominante, em três oportunidades, mas referido em vários outros momentos. Observe-se que o esforço foi o de oferecer uma classificação do material, razão pela qual as rubricas dão conta do tema

predominante na crônica, o que não significa que não se abordassem outros assuntos no mesmo texto.

Já as questões urbanas e sociais ocorreram efetivamente de modo mais episódico, apenas uma vez de cada. Mesmo a relação entre os intelectuais e o poder, tema que, por certo, tocava Rubem de perto, ocupou lugar subsidiário frente às questões nacionais e internacionais, que também se particularizaram pela pluralidade de assuntos.

Ao lado de Política nacional, merece destaque a rubrica Política internacional que, como o nome indica, refere-se a fatos ocorridos no exterior. Aqui os destaques eram as críticas aos regimes de Hitler e Mussolini, referências aos eventos que antecederam a guerra como, por exemplo, a tomada de Cantão e a ocupação da Tchecoslováquia, bem como comentários sobre um possível conflito mundial.

Em *O homem da rua*, Rubem Braga não escondeu sua inquietação frente ao golpe e às primeiras medidas implantadas. O novo regime, que antecedeu alguns meses o início da publicação de *Diretrizes*, não foi sistematicamente comentado na seção que, no entanto, não deixou de conter impressões a respeito da situação política.

Em 18 de abril de 1938, entrou em vigor um decreto-lei que proibia estrangeiros residentes no país de exercer qualquer atividade política ou de tomar parte em negócios públicos, o que incluía a organização de desfiles, passeatas, comícios ou, ainda, de serem proprietários de jornais, revistas e outras publicações.¹³ A crônica, publicada no mês de maio, apoiava a medida:

O governo resolveu fechar, no Brasil, os partidos e as escolas, sociedades, jornais, que fazem propaganda estrangeira. Estrangeiro que quiser fazer política faça o obsequio de ir fazer lá na terra dele. Aqui não pode. Muito Bem.¹⁴

O apoio ao regime, entretanto, não era irrestrito. Em relação à escolha do governo federal para o poder executivo paulista, o cronista não escondeu as ressalvas:

S. Paulo tinha, até outro dia, um interventor velho, carrancudo e careca: o professor Cardoso. Agora tem um homem moço, que estudou medicina na Alemanha, joga perfeitamente o “jiu-jitsu”, sabe pilotar um avião, mexe com agricultura e com indústria: o Dr. Ademar de Barros. Um tipo de atleta, um homem simples de maneiras, e, sobretudo um homem que sabe rir. Sangue novo. Ala jovem do velho PRP. Por falar nisso – que destino esse do PRP! Desde o tempo do Império, desde a convenção de Itu, ele começou a fazer força. Depois começou a mandar. Os quarenta anos da primeira história republicana do Brasil estão contados na história do PRP. Depois, o tombo. Mas o bicho não morreu. Em 32 voltou rapidamente a mandar, junto com os outros. Como não podia mandar sozinho, preferiu ficar por baixo. Mas sempre fazendo força. Bicho duro. E hoje, no clima novo do Estado Autoritário, o velho jequitibá floresce. O dr Getulio Vargas disse que havia lugar ao

sol para todos. Lá está o dr Ademar de Barros como um ramo jovem, onde ocorre aquela mesma seiva das raízes da Convenção de Itu, brilhando ao sol...

Não há mais PRP. Também não há mais perrepistas. O Estado Novo não admite os partidos. Mas mesmo assim, não existindo mais, o PRP está por cima, e os perrepistas estão mandando.¹⁵

Na opinião do cronista, a escolha do novo interventor era contraditória com o discurso que alardeava mudanças políticas efetivas e a alteração da “velha ordem social.” A escolha de Adhemar era sinônimo, para o cronista, da manutenção do Partido Republicano Paulista (PRP) no poder.¹⁶ Muito embora as crônicas tratassem de temáticas diversas, a do mês de setembro foi inteiramente dedicada à morte do cangaceiro Lampião e seus companheiros. Os cangaceiros, bandos armados, liderados por um chefe e que vivam da prática de crimes, surgiram no final do século XIX, mas ganharam fama particular no início do século XX, com o bando de Antonio Silvino, o Lampião.

Segundo os especialistas, estes grupos teriam surgido como uma espécie de reação às alterações introduzidas pelas relações capitalistas, que incluíam transformações nas relações de trabalho. A crise econômica e o descaso pelo qual passava as populações sertanejas do nordeste, deixadas ao acaso pelas autoridades competentes, também contribuíram para o aparecimento destes bandos, que invadiam as cidades e povoados, saqueando-as e impondo suas próprias leis as regiões.

Para a fama do bando de Lampião contribuíram a ousadia e a violência de que se utilizavam, pois chegaram saquear cidades importantes, como Mossoró, no Rio Grande do Norte, Limoeiro do Norte, no Ceará, e Queimadas, na Bahia. No entanto, a partir da década de 1930, quando foram organizados pela polícia estadual os chamados ‘volantes’, comandados por policiais e soldados temporários, os bandos foram sistematicamente perseguidos. À imprensa coube um papel importante, pois divulgava o combate ao cangaço em suas páginas diárias, dramatizava e consolidava o medo em relação aos bandos. No decorrer de 1938, o governo de Alagoas empenhou-se em capturar Lampião e seus homens e conseguiu encontrar o bando no interior do estado de Sergipe, onde se iniciou um tiroteio que culminou com a morte de onze cangaceiros, entre eles Lampião e sua companheira Maria Bonita

Os jornais da época reagiram de maneiras diversas ao fato, já que os mortos foram todos decapitados e suas cabeças expostas. A fotografia oficial foi amplamente divulgada. O jornal *O Estado de S. Paulo* publicou artigo oito dias após o massacre, no qual criticava a maneira como a questão foi tratada pela imprensa sensacionalista que,

segundo o matutino paulista, teria intensificado o mito do cangaço, além de transmitir ao exterior uma imagem de atraso e barbárie do país.¹⁷

A crônica de Braga também evidenciou sua insatisfação em relação à divulgação, pelos jornais, da citada fotografia:

(...) Uns publicaram o retrato das cabeças dos cangaceiros. Todos arrumadinhos numa prateleira, com os chapéus ao lado, fazendo 'pendant' para acertar a paginação. Estava lindo arrumadinho e comovente como um soneto. Havia mesmo uma graça feminina, um jeito de ternura naquela arrumação. Os jornais que publicaram esse clichê elogiaram os soldados autores da façanha. Uns heróis. Todos foram promovidos.

O cronista valeu-se, portanto, da ironia para comentar a maneira como a foto foi explorada e complementou lembrando que os responsáveis foram promovidos, pois obedeciam às ordens do governo. Mais à frente, Braga atacou os periódicos que estamparam fotografia:

Os outros jornais não publicaram a fotografia. Talvez porque não a receberam em primeira mão. Esses jornais xingaram os primeiros por dois motivos:

- a) porque publicaram a fotografia
- b) porque chamaram os soldados de heróis. Eles são uns bandidos, tão ruins quanto os cangaceiros, ou piores.

Eu concordo com a letra 'b' e discordo da letra 'a'. Acho que a fotografia devia ser publicada. **Ela não tem, como se diz, o defeito de mostrar o nosso grau de civilização. Tem, exatamente, a virtude de mostrar o nosso grau de civilização. Ela é a expressão, poética e gentil, de um crime praticado por homens que agiam em nome do governo. Publicar a fotografia é mostrar, documentar o crime. Esconder a fotografia seria esconder o crime, ser cúmplice dos criminosos. (...)**¹⁸

Vê-se, portanto, que na opinião do cronista a fotografia deveria ter sido publicada por todos, uma vez que não atestava a incivilidade do povo brasileiro, mas o grau de civilização no qual nos encontrávamos, ou seja, inseriu os volantes e os cangaceiros no mesmo patamar, algo que não fora feito pelo colaborador do *O Estado de S. Paulo*, por exemplo. Para Braga, a morte dos cangaceiros e a maneira como ela foi divulgada nos jornais seria o documento de um crime. Vale acompanhar o argumento do cronista:

Estou de acordo, como se percebe, com a letra 'b'. E a tal ponto que sugiro, caso haja facilidade, que sejam também cortadas as cabeças de diretores de jornais que chamaram os cortadores de cabeças de heróis. Creio mesmo que se poderia aproveitar a oportunidade para fazer um serviço mais amplo, cortando mais algumas milhares de cabeças que há por aí e que não fariam falta nenhuma ao país, embora muitas delas se julguem indispensáveis e sejam importantes.

É interessante notar que, ao final da crônica, Braga tratou da incivilidade de se assassinar, indiscriminadamente, mulheres. Além disto, aproveitou-se do fato para tecer críticas aos letrados de sua época, em especial o neotomismo, representado por Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde, e a produção proveniente do grupo católico, ao qual pertenciam Augusto Frederico Schmidt, Lucio Cardoso e Cornélio Pena:

Só o fato dos soldados haverem matado duas mulheres faz com que eles sejam considerados bandidos. Matar mulheres esta abaixo de qualquer adjetivo. É indigno, covarde, e desumano. Mesmo em caso de suprema necessidade nunca se deve, sob pretexto nenhum, matar uma mulher. O que se pode fazer decentemente, e deve ser feito com cavalheirismo, é dar alguns socos, uma boa surra ou mesmo alguns tiros em regiões não fatais. Matar mulher é coisa indigna de um homem civilizado. E é anti-social porque nos grandes centros urbanos há, constantemente, carência desse produto animal, que é gênero de primeira necessidade, cuja falta ocasiona vários distúrbios cerebrais, como a poesia católica moderna, os romances ultra-essencialistas, os livros de filosofias neotomistas, etc, etc.¹⁹

Outro tema de destaque que recebeu atenção d'*O homem da rua* em 1938 foi a Ação Integralista Brasileira e as tentativas de golpes, ocorridas em março e maio do citado ano.²⁰ O *putsch* de março foi assim descrito:

O homem da rua está melancólico. A cidade perdeu um de seus encantos. Antigamente havia, pelas calçadas, uma vivacidade estranha. Homens vestindo camisas verdes faziam gestos gritavam, colorindo e animando a paisagem. Eram assim uma espécie de jogadores de futebol. Mas não jogavam futebol. Jogavam política. Jogavam mal. Falavam muito. Eram barulhentos e amavam, acima de tudo, o 'teréré'. Queriam o monopólio do patriotismo. Também monopolizavam a honra. Nas horas vagas monopolizavam, também, Deus. E, quando não tinham nada que fazer, monopolizavam a família. Mas depois começaram a ficar cacetes. Queriam matar todo mundo. Ninguém queria morrer. O Dr. Getúlio Vargas ficou muito aborrecido. Mas assim mesmo foi deixando. Veio o Carnaval. Na terça-feira, dia dos préstitos, os homens quiseram fazer uma brincadeira. Não era direito. Os Democráticos, os Fenianos e os tenentes do Diabo existem há muitos anos. O concorrente de última hora não arranhou nada. É natural. A gente gosta do carnaval assim, uma vez por ano. Mas botar um clube no governo não dava certo. Depois que acabou o carnaval o governo achou que não havia razão para continuar o clube.²¹

A crítica ancorava-se na comparação do movimento a um clube carnavalesco, tais como os *Democráticos*, os *Fenianos* e os *tenentes do Diabo*.²² Atacavam-se os símbolos do movimento, ou seja, as camisas verdes, os gestos, o monopólio, ou seja, houve a preocupação de não se citar o nome do movimento, ainda que esse fosse prontamente reconhecível por qualquer leitor da época.

No mês seguinte, maio de 1938, a crônica iniciava-se com comentário sucinto, que relatava a segunda tentativa de *putsch*:

Na Romênia ²³ também havia uma espécie de salvadores da Pátria tipo “Deus, Pátria e Família”. Eram os “Guardas de Ferro” queriam o estado corporativista. O rei fez. Mas os guardas queriam esse negócio de corporativismo para eles. Isso o rei não quis. Então os “Guardas de Ferro” começaram a conspirar. O rei mandou prender. Todos os mais graúdos ficaram presos na “Casa Verde”, a sede do partido. É isso. ²⁴

Nota-se a preocupação de o cronista em tratar de forma mais discreta os eventos que envolveram o movimento integralista. É importante ressaltar que não se condenavam as atitudes do governo Vargas em nenhuma das crônicas – muito embora Rubem não fosse um admirador de Getúlio, mas a idéia de que o país poderia passar para as mãos dos integralistas parecia-lhe intolerável. ²⁵

Já em junho, o golpe foi abordado de maneira aberta e de forma satírica:

Dois dias depois do golpe integralista foi preciso botar policia no Palácio Guanabara. Não era policia para impedir os integralistas de tomar o palácio. Policia para impedir os chefes integralistas de aderir. Dois deles, encontrados na sala de espera, prontinhos, para aderir, foram convidados a dar o fora e depois detidos. Esses deviam ser processados severamente. Afinal, também foram presos de arma na mão, como os outros. Os outros tinham metralhadores de “gângsteres” e bombas. Estes tinham os bolsos cheio de vaselina...

(...) Na rua Sachet, numero 28, ha um casarão fechado. Pregado na porta, um papel selado. É um anuncio: aluga-se esse prédio... Quem quiser ver, vá lá. E quem quiser alugar, cuidado. O casarão é mal assombrado. De madrugada erram por ali, fantasmas verdes, magros, de punhal na mão, falando bobagens terríveis, e dizendo e vez em quando, com voz soturna:

- A-na-uuu-êêêêê. ²⁶

A expressão “anauê”, uma das marcas da AIB, remetia para o seu ideário político-ideológico. Os hábitos de obediência, o grito, as marchas pelas ruas e os uniformes compunham uma simbologia que causava impacto e que fazia parte do dia-a-dia dos militantes. ²⁷

Dois assuntos, que também formam um conjunto específico e que permitem antever a posição de Braga diante do governo, são os que envolvem as questões sociais e urbanas. Vale lembrar que tais temáticas integravam os assuntos sistematicamente proibidos pela censura estadonovista. ²⁸ Em maio de 1938, um trecho da crônica tratava das enchentes ocorridas na cidade do Rio de Janeiro durante o mês de abril, um problema recorrente que assolava a capital:

Muita chuva, nesse mês de abril. E o Rio é uma cidade que não acredita na chuva. Uma cidade sem abrigos, a não ser aqueles medonhos, de propaganda. Uma cidade de chapéu de palha, ou sem chapéu. Quando chove um pouquinho de mais, parece que ninguém previa que fosse possível chover. Os bueiros se entopem, o trânsito encrenca, tudo fica

insuportável, as poças são enormes, nada funciona. **Lembrete para os nossos urbanistas: existe a chuva. Quando fizerem qualquer coisa, uma rua, uma calçada, uma linha de bondes, lembrem isto: existe chuva.**²⁹

Evidenciava-se a estrutura precária, as ruas alagadas, a impossibilidade de circulação de carros, o funcionamento do comércio comprometido. A capital do “Brasil novo” exibia suas fragilidades. Em agosto do mesmo ano, denunciava-se a escassez e o aumento dos preços dos alimentos, o que atingia o país como um todo. No início da crônica, relatava-se a história de Dadiani, indivíduo que foi preso sob acusação de assassinar um escoteiro. Uma vez solto, jejuou por vinte e cinco dias e acabou internado em estado de inanição. De fato, o episódio serviu como intróito para tratar da situação dos cariocas:

Pelo menos aqui no Rio esse negocio de jejuar não é mais bom negócio. É um negócio excessivamente espalhado. **Ninguém paga para ver um sujeito fazendo uma coisa que milhares de pessoas podem assistir de graça dentro do seu próprio lar. O negócio aqui, e certos subúrbios, seria dar um espetáculo não de jejuar, mas de comer.** Inúmeras pessoas desse subúrbio dariam seus últimos tostões para ter o prazer de assistir a este milagre: um homem comendo, mas comendo de verdade, verduras, peixe, galinha, carne, ovos, pão com manteiga, arroz e feijão.³⁰

Em mais de uma oportunidade, o cronista fez referências às condições de vida imperantes na capital do país e ironizou ao afirmar que o maior espetáculo seria comer e não jejuar, o que se constituía numa crítica nada velada à carestia de vida.

As observações sobre o Estado Novo deram ensejo, em algumas crônicas, a comentários sobre a relação entre os intelectuais e o Estado. Em dezembro, tratou-se exclusivamente da atitude dos jornalistas frente à situação delicada que o país atravessava. A crônica iniciou-se com o relato da história de um português, João Abreu, morador do Bangu, cuja mulher deu a luz a quatro crianças. O acontecimento chamou a atenção da imprensa, por se tratar de um fato inusitado. No entanto, com o passar do tempo, a notícia foi desmentida e o grande evento resumiu-se a um mero boato que ganhou as páginas dos jornais. A crônica prossegue, com ironia:

(...) Aliás, o pior dos nossos jornais não está propriamente nas mentiras que eles dizem. Está nas verdades que eles não dizem.

(...)

Entretanto a gente entra num jornal e encontra, mais do que qualquer outro lugar, um grupo de homens reais e realistas, que sabem as coisas que acontecem e estão mais perto da verdade que o resto da população. Mas quando esses homens trabalham e saem do jornal, o jornal sai como aqueles quatro gêmeos do ventre da mulher de João Abreu. De quem é a culpa? Ponhamos a culpa na cachaça. Pois o profeta Isanduel disse:

“Os filhos desta geração são tal como perus aos quais deu o dono a beber cachaça, e se embebedaram e se fizeram prisioneiros de um círculo riscado no chão e se movem tontamente esperando o sacrifício. Assim são os filhos desta geração tais como perus bêbados.”

Se o profeta Isanduel não disse isso, a culpa é dele. E se algum leitor versado na Bíblia obtemperar que não exista um profeta Isanduel, então eu sou obrigado a responder:

- Ah, muito bem! Faça o favor de ler a bíblia outra vez, e beba menos. E se não achar o profeta Isanduel, não vá ficar desesperado por causa disso.

Continue a ler a Bíblia, continue a ler a Bíblia. Tem menos boatos que os jornais meu amigo, tem menos boatos.³¹

Questionava-se o papel dos intelectuais uma vez que, por ocuparem posição privilegiada, próximos das notícias e dos fatos, não cumpriam sua função de mediadores entre a esfera política e as pessoas comuns. O tom de crítica ficou claro frente às analogias entre a sua geração e os “perus bêbados” – ou seja, que se curvaram à linha político e ideológica adotada pelo governo.

Em outra oportunidade, agora em tom de denúncia, expunha-se a subserviência dos homens de letras:

Foi preso um sujeito que avançou contra um carro que passava o presidente Roosevelt. O sujeito declarou que queria engraxar os sapatos presidenciais. Foi metido na cadeia. Coisa esquisita. **Conheço pelo menos um país no mundo onde engraxar os sapatos do presidente não é crime. Pelo contrário, é profissão importantíssima, para altos intelectuais.**³²

O ocorrido nos Estados Unidos é o mote para criticar a situação vigente no Brasil que, na avaliação de Braga, era marcada pela falta de autonomia e disposição para a colaboração. Já na crônica de novembro, cobrava-se o compromisso dos escritores:

A poetisa argentina Alfonsina Storni³³ andava muito triste. De noite ia para a praia e passava horas olhando para o mar. Na noite de 24 de outubro ela saiu e não voltou. Seu corpo foi achado no dia seguinte flutuando no meio das ondas. Alfonsina se jogou no mar, de noite, porque andava muito triste. No Brasil as poetisas também olham o mar de noite e vivem tristes. Pelo menos é o que elas dizem. Mas no lugar de tomar uma atitude decente, continuam vivendo e fazendo versos. Os poetas procedem da mesma forma. Não digo nada a respeito do Sr. Augusto Frederico Schmidt³⁴, o Gordinho Sinistro, que fala da morte o tempo todo e não age. Esse é melhor continuar por aí. Apesar de suas safadezas, dizem que tem bom coração; e é, de verdade, um bom poeta. Além disso, se ele se jogasse na Guanabara poderia obstruir a entrada na barra. Mas há outros que são irritantes. **Afinal de contas esses cavalheiros soluçam e gemem, suspiram e choram, arranjam um bom emprego público e no fim quem se mata é a senhora do ‘goal keeper’.** Batatais. Não é direito.³⁵

Compreende-se que Braga posicionava-se contra os intelectuais atrelados ao Estado e, além disto, é patente que as três crônicas se ocupavam da política cultural do período,

temática que ainda suscita interesse e questionamentos no que concernem os estudos historiográficos.³⁶

O homem da rua em 1939

As crônicas que compuseram a seção ao longo de 1939 – nove no total – trataram de uma quantidade mais restrita de temas, quando comparadas às do ano anterior. Entretanto, a diminuição da variedade foi acompanhada de condução e articulação mais complexa das narrativas, além de maior e mais expressiva gama de críticas ao regime estadonovista.

Não se pode esquecer, contudo, que a liberdade de se opor não pode ser dissociada da saída de Azevedo Amaral, em outubro de 1938, situação que proporcionou a Samuel Wainer o total controle da publicação e trouxe significativas alterações na linha editorial.

Cabe destacar que foram três as principais temáticas abordadas na seção, conforme se verifica abaixo:

Tabela II

PRINCIPAIS TEMÁTICAS *O HOMEM DA RUA* - 1939

Assunto	jan	fev	mar	abr	maio	jun	jul	ago	set	out
Política Nacional			■	■	■	■				■
Eventos que antecederam a 2ª Guerra Mundial	■		■	■	■	■	■	■	■	
Política internacional		■	■		■			■		

A sistematização da tabela, tal como para 1938, foi feita a partir das principais temáticas abordadas nas crônicas. As questões nacionais continuaram a ter significativo peso, com comentários que envolviam decisões do governo, a política externa e iniciativas no campo da legislação trabalhistas, ou seja, assuntos que possibilitavam dar conta da temática relacionada ao Estado Novo.

Na rubrica Política internacional, por sua vez, ganharam espaço os conflitos ocorridos na América Latina, especialmente em países que viviam sob regimes

autoritários. Estes assuntos, embora pareçam isolados, articulavam-se, de fato, com as questões nacionais, na medida em que davam margem à crítica velada ao regime vigente, já que os países referidos eram, em sua maioria, os que conheceram golpes de Estado e estavam submetidos a ditaduras – o que permitia ao cronista construir analogias com a política do nacional.

Já os eventos que antecedem a Segunda Guerra Mundial predominaram ao longo dos meses de janeiro a outubro, período em que a seção foi publicada. Abordou-se o início da guerra, as invasões e, principalmente, criticou-se o posicionamento da França e da Inglaterra num momento em que o conflito tomava grandes proporções.

Após o golpe que instaurou o Estado Novo e impôs uma nova Constituição (1937), colocou-se em prática o conjunto de preceitos que guiaram a elaboração da carta magna, logo apelidada de a polaca, em referência à legislação da Polônia. Destaque-se a concentração de poderes nas mãos do estado, o que afetou os mais diversos setores sociais, seja no âmbito político, administrativo, educacional ou cultural. A imprensa, por sua vez, foi considerada como um serviço de utilidade pública, o que tinha conseqüências significativas para a autonomia desses meios de comunicação.

Com relação à economia, a intervenção estatal tornou-se ainda mais marcante, com restrição da presença do capital internacional em vários setores, ainda que não se deixasse de admitir sua presença. Do ponto de vista das trocas internacionais, entre 1937 e 1939, o país aproximou-se da Alemanha, relação esta que não deixou de contar com opositores. Não faltavam também os que advogavam a aliança com os Estados Unidos,³⁷ que ganharam maior concretude no início de 1939, por meio da *Missão Aranha*.³⁸ Na crônica de *O homem da rua*, de março do referido ano, chama a atenção um trecho, colocado em meio a várias notícias sobre a visita do Ministro: “O Sr. Aranha está em Washington combinando coisas conversadas em Lima”. Mais à frente, outro trecho destacou o posicionamento político do país:

O Sr. Oswaldo Aranha em entrevista disse que a política no Brasil, no tocante as potencias econômicas estrangeiras, é abrir as portas, mas ficar com as chaves na mão. A respeito de algumas dessas forças estrangeiras creio que não seria mal se a gente ficasse também com a tranca da porta na mão.³⁹

Na crônica, Braga não esconde sua inquietação frente à opção de se manter relações com países de ideologias políticas tão distintas. O posicionamento a respeito de

certas “forças estrangeiras”, certamente uma referência muito pouco velada à Alemanha, atormentava o cronista, pouco afeito às posturas políticas de extrema direita.

Ainda que não se desse de forma explícita, a aproximação com os Estados Unidos parecia uma solução muito mais adequada. Sabe-se que a chamada Política da Boa Vizinhança colocada em prática pelo governo Roosevelt, também objetivava assegurar a posição dos Estados Unidos no restante do continente, isso num momento em que sua economia sofria os revezes da crise de 1929. É fato que, já de há muito, o interesse dos norte-americanos pelas nações latino-americanas era explícita, motivada pela expansão econômica do país, que se industrializou em ritmo acelerado.

A força dos EUA ganhou materialidade com a *New York Worlds Fair*, inaugurada em abril de 1939 e que se constituía em testemunha eloqüente da capacidade tecnológica do país. O Brasil também participou da Feira e, entre exposições de café e pássaros raros da Amazônia, apresentou como atração a cantora Carmem Miranda, que se tornou símbolo das boas relações entre brasileiros e norte-americanos.⁴⁰

Na crônica de outubro, mencionou-se viagem da cantora aos Estados Unidos:

“Mulher eu sempre combati pela tua causa, eu defendi tuas cores”
Estas palavras foi Murilo Mendes a Jeane D’Arc e possivelmente também a uma distinta senhora pelo qual o poeta é apaixonado. O mesmo posso eu mandar dizer para Carmem Miranda em Nova York. Sempre defendi rudemente a opinião que a Carmem era a tal. Apareceram muitas outras, esta com bossa, aquela com voz, aquela lá com sentimento. Mas quando vinham me falar dessas mulheres eu sempre redargui:

- Esta muito bem, eu também acho, mas no meio de tudo isso a Carmem é que é a tal.

Não sei si essa viagem da Carmem faz parte da política de boa vizinhança. Agora aquele pessoal lá de cima esta na estrita obrigação de retribuir. Mandem pra cá pelo menos a Bete Davis – e não se esqueça de dizer pra ela passar lá em casa na hora do crepúsculo.⁴¹

É importante ressaltar a distinção entre as crônicas do início do ano, nas quais a expectativa de alinhamento em relação a um determinado país ainda parecia distante, com outra do final do ano, quando já é perceptível o peso adquirido pelos EUA, a despeito do fato de o governo ainda não haver tomado uma posição contundente. Nota-se, ainda, a simpatia de Braga por Carmem Miranda, o que aponta para a presença, cada vez mais constante, do sentimento nacionalista, já explicitado em outros textos. Além da política internacional, outra esfera controlada com rigidez pelo governo estadonovista, foi a do trabalho. Após 1937, a política de controle sindical, já anunciada desde 1931, com a Lei de Sindicalização, pode ser colocada em prática graças aos

poderes que o executivo dispunha depois da outorga da Constituição. A intenção de enquadrar os sindicatos em estruturas baseadas no corporativismo atingiu outro patamar. Os sindicatos, transformados em órgãos públicos, deixam de ser instituições de direito privado para constituírem-se em órgãos de cooperação sob tutela estadual. Desta forma, tornava-se possível a inserção do povo no cenário político, contudo sob o controle estrito do Estado.⁴²

Não admira que o cronista tenha tocado no tema, candente na época, e o tenha feito justamente no mês de maio. Vale lembrar que era no Dia do Trabalho (1º de Maio) que Vargas costumava anunciar novos benefícios aos trabalhadores, por meio de grandes manifestações de massa, cuidadosamente preparadas pelo DIP. Nas palavras do escritor:

Uma boa notícia. O Ministro do Trabalho⁴³ deu uma entrevista à Agência Nacional. Diz, em resumo, que os trabalhadores no Brasil ganham “salários de fome”. Isso muita gente já havia dito. Mas o Ministro acrescenta que o governo vai instituir o salário mínimo. Os salários atuais terão de ser aumentados para que os trabalhadores possam ter um padrão de vida decente. O repórter perguntou si os patrões estavam em condições de aumentar os salários. O Ministro respondeu que sim: podem perfeitamente pagar mais do que estão pagando. E serão convidados pelo governo a fazer isso. Ganhando mais os operários ganharão mais, e, vendendo mais, os patrões terão mais lucro. Em resumo: o governo não acredita nas “choradeiras” de certos industriais e fará com que eles compreendam que toda gente, tem direito de viver mais ou menos e comer bem. Sim vamos todos comer bem! Depois do almoço e do jantar nós todos, neste grande país, olharemos a vida com um olhar mais pacato e ameno e encararemos o destino com uma ponderada e grave doçura. E sobre as nossas barrigas cheias as ondas do tempo rolarão.⁴⁴

Por meio da ironia, Braga critica o ideal de corporativismo, no qual se propugnava a eliminação da luta de classes pela colaboração entre elas intermediada pelo governo – o acordo entre os empresários e o governo dava a falsa impressão de que não havia conflitos entre os trabalhadores e seus patrões.⁴⁵

Note-se que se não havia referências diretas ao regime em vigor, elas apareciam nas entrelinhas, nos comentários sobre econômica e política externa do país, questões que interessavam *o homem da rua*, que viva um tempo de incertezas, com uma nova guerra prestes a estourar na Europa.

4- Conclusão

Por meio da contextualização e análise das crônicas de Rubem Braga em *O homem da rua* foi possível traçar um perfil das preocupações do cronista e de suas indagações frente a uma conjuntura particularmente complexa.

O ano de 1938 foi bastante expressivo no que condiz a participação de Rubem Braga na revista. O cronista teve a oportunidade de colaborar com três textos de sua autoria, além de sua seção permanente, e que, de certa forma, não deixaram de se articular e complementar. Além disto, as temáticas deste ano foram diversas e não se concentraram apenas num assunto específico – abordaram assuntos relativos às questões nacionais, em destaque devido à instauração do novo regime.

Já ao longo do ano de 1939, a temática predominante foi a situação dos países europeus em face da ameaça constante de um conflito que poderia tomar grandes proporções. Nota-se que neste momento, o cronista não deixou de lado a situação nacional, apesar de a maioria dos trechos citarem eventos e personagens ligados ao contexto europeu, Braga registrou sua preocupação com relação à posição política do país naquele momento, antevéspera de uma guerra que parecia cada vez mais provável.

Desta forma, é possível concluir que as crônicas de *O homem da rua* refletem a constante preocupação com relação ao novo regime instaurado, bem como as conseqüências da ascensão da extrema direita na Europa e sua influência no Brasil (como foi o caso do integralismo). Estas duas grandes temáticas podem ser consideradas como o fio condutor dos anos de existência da seção em *Diretrizes*.

As características aparentes da crônica, com sua escrita aparentemente simples e temas banais do dia-a-dia, não devem enganar: a leitura atenta mostra que o cotidiano é o mote para tratar de outros assuntos, com significativa elaboração da crítica e capacidade analítica que não é, necessariamente, menor do que a presente em outros gêneros textuais que compõem os jornais – artigos, reportagens, entrevistas e editoriais.

O conjunto de crônicas publicadas em *O homem da rua* representa uma importante contribuição para a fortuna crítica do escritor Rubem Braga, já que estas, além de outras séries de colaborações datadas do mesmo período em que escreveu em *Diretrizes*, ainda não foram sistematicamente organizadas e publicadas em livro.⁴⁶

Notas:

¹ Mestranda em História e Sociedade pelo Programa de Pós Graduação em História da UNESP campus de Assis. Bolsista Fapesp. Partes dos resultados apresentados no artigo contemplam pesquisa de Iniciação Científica financiada pela FAPESP intitulada *O homem da rua: Rubem Braga e a revista Diretrizes* orientado pela Prof^a Dr^a Tania Regina de Luca. E-mail: ane.vergara@hotmail.com.

² Ver: A Revista do Brasil (1916-1944): notas de pesquisa. In: BEZERRA, Holien Gonçalves; DE LUCA, Tania Regina; FERREIRA, Antonio Celso. (Org.). *O historiador e seu tempo*. 1ed. São Paulo: Editora Unesp, 2008, v. 1, p. 117-127.

³ FERRARI, Danilo Wenseslau. *A atuação de Joel Silveira na Imprensa Carioca (1937-1944)*. Mestrado em História, Assis, SP: FCL, 2011. GARCIA, Sheila do Nascimento. *Para rir da guerra: política e humor visual nas páginas da revista*. Mestrado em História, Assis, SP: FCL, 2005; DUQUE FILHO, Álvaro Xavier. *Política Internacional na revista Diretrizes (1938-1942)*. Mestrado em História. Assis. SP: FCL, 2007.

⁴ Antônio José Azevedo do Amaral nasceu no Rio de Janeiro, em 1881. Entre 1906 e 1916 exerceu atividades jornalísticas na Inglaterra, para os jornais *Correio da Manhã*, *A Notícia*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Comércio*. Azevedo Amaral considerava o liberalismo uma criação típica dos povos anglo-saxões e, portanto, inadaptável às características do povo brasileiro. Considerava, ainda, que a grande crise provocada pela Primeira Guerra Mundial era resultado do declínio do liberalismo. Propugnava um Estado autoritário, de cunho corporativista, em substituição ao Estado liberal. Para mais dados biográficos ver: CHAVES, Luis Guilherme Bacellar. *Azevedo do Amaral*. In: ABREU, Alzira Alves (org.) *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós 30*. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC, 2001, p. 194-195. Para uma visão geral de sua obra, ver: OLIVEIRA, Lucia Lippi. O pensamento de Azevedo Amaral. In: GOMES, Ângela de Castro; OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 48-70.

⁵ DUQUE FILHO, Álvaro Xavier. *Política Internacional na revista Diretrizes (1938-1942)*. Mestrado em História. Assis. SP: FCL, 2007. p. 105. Além disto, há referência à briga entre Wainer e Azevedo Amaral em SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um escritor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. 115-116: “ (...) Foi no apartamento de Azevedo Amaral, no Edifício Góis, à rua Álvaro Alvim, na Cinelândia, que conheci um rapaz que se iniciava, então no jornalismo e que se associava ao autor dos *Ensaio Brasileiros* para editar uma revista, *Diretrizes*, que marcou época na imprensa do Rio: Samuel Wainer. Com o Estado Novo, os sócios divergiram. Wainer desejava seguir um rumo, Amaral, outro. O mais moço registrara o título em seu nome, unicamente, valendo-se de que só ele, entre os dois podia tomar providências de ordem prática. Amaral, impetuosamente, assumiu posição quitoxésca, fundou outra revista, denominada *Novas Diretrizes*.

⁶ Fato explicitado por Álvaro Xavier Duque Filho. *Op. cit.* p. 106 a 121.

⁷ Maurício Goulart nasceu em Petrópolis no Rio de Janeiro (RJ) em dezembro de 1908. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo ingressando na redação do jornal *O Estado de S. Paulo* em 1927. Participou ativamente da Revolução de 1930 e após a vitória do movimento integrou a Legião Revolucionária de São Paulo, fundada por Miguel Costa. Segundo Wainer, o capitalista foi convidado a se retirar da revista devido ao veto do DIP acerca de uma reportagem de sua autoria sobre a missa de comemoração do dia de aniversário de Pedro Aleixo, constituinte de 1934. Ver: WAINER, Samuel. *Minha razão de viver – Memórias de um Repórter*. Rio de Janeiro, Record, 1988. p. 64.

⁸ WAINER, Samuel. *Op. cit.* p. 59.

⁹ LEAL, Carlos Eduardo. *Diretrizes*. In: ABREU, Alzira Alves (Coord.) et al. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001. p. 1882 a 1883.

¹⁰ Existem diferentes referências acerca da razão do encerramento da revista. De acordo com Wainer, tal fato ocorreu devido a reportagem sobre o general Miguel Costa - que havia dividido com Luis Carlos Prestes o comando da Coluna - cujo texto saudava seus feitos prosseguida por uma capa com o título: “Miguel Costa, o general do povo”. Já Carlos Eduardo Leal, afirma que a revista deixou de circular devido à entrevista feita por Assis Barbosa com o ex-ministro Lindolfo Collor, na qual este argumentou que enquanto os Aliados lutavam contra o nazi-fascismo, o Brasil vivia sob um regime ditatorial de caráter semelhante. Nota-se, portanto, a ausência de estudos sistemáticos acerca da publicação. Ver respectivamente: Ver: WAINER, Samuel. *Op. cit.* p. 67, LEAL, Carlos Eduardo. *Diretrizes*. In: ABREU, Alzira Alves (Coord.) et al. *Dicionário Histórico – Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001. p. 1883

¹¹ WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 1988, p. 81

¹² São eles: *Meninos massacrados do mundo*, n.2, mar de 1938, p. 2 e *Correspondência da Itália*, n.6, set. 1938, p. 21. Os dois textos foram considerados crônicas, já que têm como característica a presença de dados advindos da realidade aos quais se acrescentam outros ficcionais. O tratamento literário

dado à informação permitia ao autor opinar, seja de forma pessoal ou por meio de seus personagens. Embora a crônica e o artigo sejam marcados pelo caráter opinativo, o artigo diferencia-se da crônica posto que tem por objetivo analisar um fato ou uma série de fatos que dialogam com o contexto político, social e econômico de dada época. É comum que tal análise seja feita por um especialista no assunto que, pelo menos em tese, não se limita a julgar ou emitir opinião. Para estas e outras distinções entre gêneros jornalísticos, ver: FRANCESCHINI, Felipe. Notícia e reportagem: sutis diferenças. In: *Revista Comum*, RJ, v. 9, n° 22, p. 144-155.

¹³ Trata-se do decreto-lei n° 383 de 1938.

¹⁴ O homem da rua. *Diretrizes*, n.° 2, maio 1938, p. 9.

¹⁵ O homem da rua. *Diretrizes*, n.° 3, jun. 1938, p.8, grifo nosso.

¹⁶ Sobre a escolha de Adhemar de Barros para a interventoria paulista, Luiza Villaméa afirma que: “Com o golpe, a maioria dos governadores eleitos durante a vigência da Constituição de 1934 foi confirmada no cargo, na condição de interventores responsáveis pela execução das novas diretrizes federais. Ocorre, porém que São Paulo representava o ponto nevrálgico na hegemonia pretendida por Vargas. (...) com o objetivo de voltar ao poder em São Paulo, que perdera em 1930, a cúpula do extinto PRP aderira ao novo regime logo depois do golpe. Contando com a substituição de Cardoso de Melo por alguém de seus quadros, entregara uma relação de “interventoriáveis” a Vargas. O nome de Adhemar constava do extenso rol de candidatos, mas os líderes do partido jamais levaram a sério sua indicação. (...) ao escolher um personagem secundário do PRP para o comando paulista, Vargas foi movido pela idéia de dividir o partido e, ao mesmo tempo, obter maior controle sobre o Estado, através de alguém que ficasse lhe devendo favores.” COTTA, Luiza Cristina Villaméa. *Adhemar de Barros (1901-1969): A origem do “Rouba, mas faz”*, São Paulo: FFLCH/USP, Mestrado (História Econômica), 2008, p. 11-12.

¹⁷ O artigo teria sido publicado, primeiramente, no Rio de Janeiro, pelo colaborador de nome F., e reproduzido pelo *OESP*, em 09/08/1938. Ver: FREITAS, Ana Paula Saraiva. *A presença feminina no cangaço: práticas e representações (1930-1940)*. Assis: FCL/Unesp, Dissertação (História), 2005. p. 69-72.

¹⁸ Idem, grifo nosso. Em seguida, o cronista reforça sua crítica: “Para evitar qualquer dúvida aproveito a ocasião para declarar que, se em qualquer época alguém tiver a lembrança de me cortar a cabeça ficarei muito grato a quantos publicarem na imprensa o retrato de minha cabeça cortada e o nome do cortador. Assim haverá a feliz possibilidade de um amigo ou parente meu numa tarde em que estiver aborrecido e sem o que fazer, cortar a cabeça do cortador da minha cabeça, o que me será muito agradável, e me será ainda deveras instrutivo para meu filho e outras criancinhas brasileiras. Acho que o Ministério da Educação devia se entender com o Ministério da Justiça para que fossem cortadas as cabeças dos soldados, mandando depois que elas fossem artisticamente arrumadas numa prateleira e fotografadas. Essa fotografia, juntamente com a já publicada, deveria ser distribuída pela infância das escolas, pela juventude dos ginásios, e pela mocidade das academias. Desde, porém, que haja alguma dificuldade em cortar a cabeça dos referidos soldados, o que é lamentável, serviram para o mesmo fim as cabeças cortadas por ‘Corisco’.”

¹⁹ O homem da rua, *Diretrizes*, n.° 6, set. 1938, p.7.

²⁰ A Ação Integralista Brasileira propunha uma revolução integralista, a realizar-se por meio da transformação do Estado, que deveria se ancorar no corporativismo e no partido único. O executivo forte responderia às demandas da sociedade nacional e não mais seria pura criação intelectual, crítica diretas às posturas liberais. Além disso, estas transformações também se dariam por meio da criação de uma cultura genuinamente brasileira – daí o movimento ser contrario ao liberalismo, capitalismo, socialismo e judaísmo.

²¹ O homem da rua, *Diretrizes*, n.° 1, abr. 1938, p.11.

²² Nascidas ao fim do século XIX, as três principais entidades carnavalescas que se destacam no carnaval carioca entre 1870 até o início do século XX. Ver: CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 106.

²³ A Guarda de Ferro, foi um movimento fascista, ultranacionalista e anti-semita que existiu na Romênia, entre 1927 e o final da Segunda Guerra Mundial. O movimento foi fundado por Corneliu Zela Codreanu e por ele liderado até a sua morte, em 1938. O rei Carlos II, da Romênia, dissolveu o movimento e instituiu uma curta ditadura. A Guarda de Ferro teve grande penetração entre as camadas populares romenas, seus membros usavam uniformes verdes (considerados símbolo de rejuvenescimento) e, por isso, receberam o apelido de camisas verdes. O seu símbolo principal era uma cruz tripla, representando barras de prisão (como símbolo do martírio), às vezes chamada "cruz do arcanjo Miguel”.

²⁴ O homem da rua, *Diretrizes* n.° 2, maio 1938, p. 9.

²⁵ De acordo com Edgar Carone, o fracasso das tentativas integralistas acabou por criar uma noção de união nacional, já que a partir de então Getúlio Vargas recebeu a simpatia tanto de comunistas como de liberais e das classes trabalhadoras. Ver: CARONE, Edgar. *O Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro; São Paulo: Difel, 1976.

²⁶ O homem da rua, *Diretrizes*, n.º 3, jun. 1938, p. 8. A Rua Sachet, hoje uma travessa da rua do Ouvidor no Rio de Janeiro, costumava abrigar a sede da *Ação Integralista Brasileira*.

²⁷ Os militantes eram preparados desde sua infância até a idade adulta por meio de complexos rituais de formação intelectual, moral, cívica e física. TRINDADE, Helgio. *Op. cit.*, p. 196.

²⁸ Temas relativos aos problemas econômicos (transporte abastecimento, escassez e alta de preços dos produtos); divulgação de acidentes, desastres, catástrofes, naufrágios, queda de avião, incidentes como brigas, agressões, crimes, corrupção, suborno, processos, inquéritos, sindicâncias estavam entre os sistematicamente proibidos. Ver: CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998, p. 75-76.

²⁹ O homem da rua. *Diretrizes*. n.º 2, maio 1938 p. 9, grifo nosso.

³⁰ O homem da rua, *Diretrizes* n.º 5, ago. 1938, p. 13, grifo nosso.

³¹ O homem da rua, *Diretrizes* n.º 9, dez. 1938, p.5, grifo nosso.

³² O homem da rua, *Diretrizes*, n.º 5, ago. 1938, p.13, grifo nosso.

³³ Alfonsina Storni nasceu na Suíça em 1892, mas mudou-se para a Argentina com seus pais ainda pequena, onde passaram por dificuldades financeiras. Suas obras tinham como característica o empenho contra a injustiça social. Aos 43 anos, descobriu que estava com câncer de mama. Abalada pelo suicídio do amigo e escritor Horacio Quiroga em 1937, no ano seguinte enviou um soneto para o jornal *Mar Del Plata*, intitulado *Voy a dormir* e cometeu suicídio. A respeito, ver: <http://www.los-poetas.com/j/bioastorni.htm> acessado em 10/05/2010

³⁴ Augusto Frederico Schmidt, poeta, prosador, ensaísta e cronista nascido no Rio de Janeiro, então capital da República, conhecido como o *gordinho sinistro*, poeta da segunda geração do *Modernismo* e um dos primeiros poetas brasileiros a usar o soneto sem atender a nenhuma de suas regras internas. Publicou seu primeiro livro, *Canto do brasileiro* (1928). Como empresário fundou uma editora e tornou-se um dos grandes divulgadores do *modernismo* e editor responsável pelo lançamento dos primeiros romancistas nordestinos, editando, entre outros, Graciliano Ramos, Raquel de Queirós, Gilberto Freyre e Jorge Amado. Com *Pássaro cego* (1930), iniciou uma fase de dúvida metafísica, marcada pela meditação sobre o tempo e a morte, de profunda melancolia e pessimismo em relação à transitoriedade da vida. Com *Mar desconhecido* (1942), atingiu o máximo do seu prestígio junto a crítica. Ver: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/AugFSchi.html> acessado em 10/05/2010.

³⁵ O homem da rua, *Diretrizes*, n.º 8, nov. 1938 p. 5, grifo nosso.

³⁶ Como bem observa Monica Pimenta Velloso: “A relação dos intelectuais com o sistema de poder tem sido extremamente imbricada e complexa, uma vez que, ao logo da história, eles frequentemente se atribuíram a função de agentes da consciência e do discurso. No Brasil, a nossa estrutura patriarcal e autoritária e a própria condição de país periférico – de grande contingente de analfabetos – acabaram por reforçar ao extremo esse tipo de prática. Assim, o ideal de representação, o falar em nome dos destituídos de capacidade de discernimento e expressão, foi facilmente absorvido pelo intelectual brasileiro. Sentindo-se consciência privilegiada do “nacional”, ele constantemente reivindicou para si o papel de guia, condutor e arauto. (...) É a partir da década de 1930 que eles passam sistematicamente a direcionar sua atuação para o âmbito do Estado, tendendo a identificá-lo como a representação superior da idéia de nação.(...) No Estado Novo (1937-1945), essa matriz autoritária de pensamento, que confere ao Estado o poder máximo da organização social, vai adquirir contornos mais definidos. As elites intelectuais das mais diversas correntes de pensamento, passam a identificar o Estado como cerne da nacionalidade brasileira. Se, historicamente, a construção do nacionalismo vinha se constituindo em uma das preocupações fundamentais dos intelectuais, agora eles passariam a situar sua tarefa no domínio do Estado. Verifica-se, então, a união das elites intelectuais e políticas que se pretendem as verdadeiras expressões de uma política superior.” VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: DELGADO, Lucília; FERREIRA, Jorge. *O Brasil Republicano – O tempo do nacional- estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.p. 147-149. Ver, ainda, GOMES, Angela de Castro. *História de Historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1996; MICELI, Sergio. *Intelectuais e a classe dirigente no Brasil: (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1979; OLIVEIRA, Lucia Lippi. Vargas, os intelectuais e as raízes da ordem. In: D’ARAÚJO, Maria Celina (org.). *As instituições brasileiras da Era Vargas*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

³⁷ “Em um contexto de relativa desarticulação da economia mundial e acirramento dos conflitos interimperialistas, a articulação de financiamento externo passava por alinhamentos políticos e ideológicos. (...) exportadores de algodão e do sul do país inclinavam-se por uma aliança com a Alemanha. Os industriais e os comerciantes ligados ao comércio de importações estavam divididos entre Alemanha e EUA. Os exportadores de café inclinavam-se para os EUA, assim como o setor financeiro. As forças armadas também estavam divididas entre Alemanha e EUA. No governo, Osvaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores, defendia uma aliança com os EUA, enquanto outros ministros preferiam a Alemanha. Essas divergências paralisavam o governo Vargas. (...) a política de Vargas encontrava-se em um impasse, o que levava o Estado Novo a oscilar entre os EUA e a Alemanha,” como bem assinala: CORSI, Francisco Luiz. Política Externa e Desenvolvimento no Estado Novo. In: *Locus, revista de história*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2007, p.255-256.

³⁸ Em fevereiro daquele ano, o Ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha, foi enviado a Washington com o objetivo de discutir as relações políticas entre os dois países. Num contexto de intensificação dos conflitos na Europa, o governo norte-americano preocupou-se em estreitar as relações com a América Latina e pretendeu assegurar o apoio político e ideológico destes países.

³⁹ O homem da rua, *Diretrizes*, n.º 12, mar. 1939, p. 09.

⁴⁰ Muito embora o visual de Carmem e algumas de suas características musicais não pudessem ser consideradas como típicas do Brasil: “(...) para os idealizadores e executores da Política da Boa Vizinhança, não importava a autenticidade da “cultura” das “outras Américas” difundida pelas duas maiores redes e pelos estúdios de Hollywood. O importante era que isso contribuía para o alinhamento do Brasil com o esforço de guerra dos Estados Unidos.” Ver: TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor – A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 118-119.

⁴¹ O homem da rua. *Diretrizes*. n.º 19, out. 1939, p. 11.

⁴² GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p. 209.

⁴³ Valdemar Falcão foi nomeado ministro do Trabalho, Indústria e Comércio logo após o golpe. À frente dessa pasta, intensificou o controle das organizações sindicais pelo governo, introduziu o imposto sindical, regulamentou o salário mínimo, criou o Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado (IPASE) e regulamentou a Justiça do Trabalho. Ver: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/valdemar_falcao, acessado em 15/10/2010.

⁴⁴ O homem da rua. *Diretrizes*. n.º 14, maio 1939, p. 17.

⁴⁵ “O povo do Estado Novo era um corpo político hierarquizado pelo trabalho. Assim se constituía um novo ator social, definido como o cidadão de uma nova espécie democrática. O trabalhador brasileiro era o cidadão da democracia social e o homem da nova comunidade nacional. Toda essa reflexão permite compreender a compatibilidade do modelo de representação que emerge do Estado Novo, associando a eficiência da organização corporativa de representação de interesses com a força da representação simbólica corporificada no presidente.” GOMES, Angela de Castro. *Op. cit.*, p. 210.

⁴⁶ Vale lembrar que, após a publicação de *O conde e o Passarinho*, em 1936, somente em 1944 Braga publicou *O morro do isolamento*. Em 1944, atuou no *front* com outros jornalistas brasileiros, entre eles Joel Silveira, que também colaborou em *Diretrizes*. Joel registrou em livro sua experiência na Itália e publicou *O inverno na Guerra*, que ganhou maior notoriedade do que o escrito por Braga, *Com a FEB na Itália*. Ambos vieram a público em 1945.

ANEXO 1

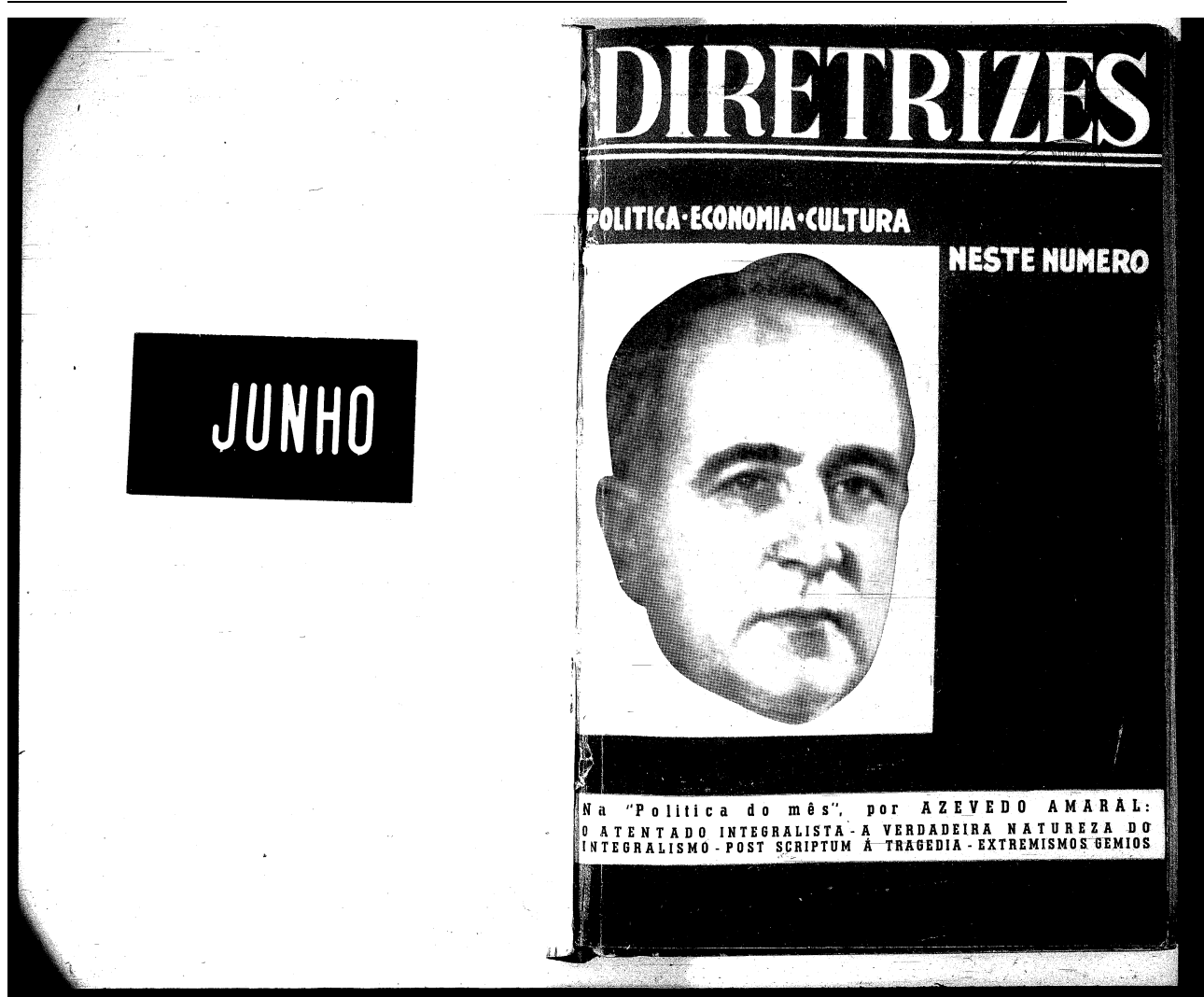


Figura 1: Capa da Revista *Diretrizes*, junho de 1938, ainda sob direção de Azevedo Amaral.



Figura 2: À direita, a seção *O homem da rua*, abril de 1938, escrita pelo cronista Rubem Braga.

10
tura, as instituições sociais que salvaguardam a vida moral do homem, acham-se assim na iminência de um colapso determinado pela destrutiva ação convergente de forças externas e internas que se fazem sentir em cada nação.

A POSIÇÃO DO CONTINENTE AMERICANO

No meio dessa atmosfera sobrecarregada de tantos elementos ameaçadores, que contraditoriamente se agitam na iminência de virarem pelo seu choque um pandemônio universal, há um continente que viveia fôto e tranqüilo: e poderia mesmo beneficiar o resto da humanidade pela super-abundância da sua prosperidade, se a deixassem seguir o rumo predestinado da sua evolução pacífica. Nada se apresenta na vida interna e internacional dos povos do hemisfério ocidental, que venha determinar em terras americanas situação mesmo remotamente comparável à que ameaça os outros continentes.

Entretanto seria quasi uma puilidade esperar que a América pudesse continuar a trabalhar da maneira pacífica que lhe é peculiar quando em outros quadrantes do globo se fôsem aboando as fogueiras da guerra interna e destrutiva. A terra tornou-se demasiadamente pequena para que uma das suas partes possa considerarse imune da contaminação dos flagelos que assolam as outras. E de todas as calamidades, a que nas condições atuais se propaga mais facilmente e com maior rapidez, é sem dúvida a guerra. E quando esta pudesse ser afastada, o mesmo não se conseguiria fazer em relação aos seus efeitos economicos e sociais.

Assim, incide sobre os estadistas das nações americanas a tarefa, quasi sobrehumana, de enfrentar a crise mundial, preparando-se para agir não de acordo com este ou aquele plano previamente assentado, mas em obediência às injunções imperativas das circunstâncias imprevisíveis que se apresentarem.

Entre os países do continente o Brasil é logo após os Estados Unidos aquele que atua com as maiores responsabilidades. E certas circunstâncias, que episódios muito recentes vieram focalizar, agravam consideravelmente as nossas dificuldades, tornando-nos desonramente ligados a perigos de ordem universal, decorrentes das atitudes e da orientação política de uma das grandes potências europeas. Não pretendemos

Diretrizes

aqui examinar esse aspecto delicadissimo da nossa situação internacional, embora não fosse indiscreto fazê-lo, por isso que lhe vem sendo há dias amplamente discutido pela imprensa, tanto na Europa como na America, chegando mesmo a ter ruidoso repercussão no Congresso dos Estados Unidos.

Assim o Sr. Oswaldo Aranha vem ocupar o posto de Rio Branco em condições semelhantes, mas incomparavelmente muitissimo mais graves que as defrontadas, há trinta anos, pelo inquecível chanceler. Sob o ponto de vista da nossa propria situação interna, a ação diplomática não encontra obstáculos. Pelo contrário, foram enormemente as condições de coesão e de coesividade de resistência da nacionalidade.

A Constituição de 10 de Novembro veio eliminar os fatores de desagregação nacional e tornou efetiva a unidade do Brasil. Este é o ponto de primordial relevância no jogo da nossa política externa. O Sr. Oswaldo Aranha poderá falar como órgão internacional de uma nação unida, coesa e capaz de mobilizar a totalidade dos seus recursos em apoio da orientação da sua política externa.

A concentração de autoridade no Executivo e o poder efetivo agora conferido ao Presidente da Republica representam outro elemento de invaluavel valor para robustecer a atuação do chanceler. Os dispositivos constitucionais, que vieram articular de modo mais preciso e eficiente todo o aparelho de segurança nacional em torno da autoridade do Chefe da Nação, são outro e certamente não menos importante fator com que pode contar o novo chanceler.

A um homem da intelligencia lucida e perspicaz o Sr. Oswaldo Aranha, que vem ocupar o cargo de Ministro das Relações Exteriores depois de haver adquirido proveitosa familiaridade com os problemas da politica mundial em um dos melhores postos de observação internacional, o destino não poderia ter conseguido melhor oportunidade para dar a medida do seu valor, que no cargo agora a ele confiado pelo Presidente Getúlio Vargas. E na nomeação do novo chanceler o Chefe da Nação, que desde 1930 vem revelando uma sagaz compreensão das verdadeiras diretrizes da nossa politica externa, poterá bem como apreciar com justiça os perigos que poderemos ter de enfrentar e sabe qual o rumo que temos a seguir.

O homem da rua



O homem da rua está melancólico. A cidade perdeu um de seus encantos. Antigamente havia, pelas calçadas, uma vivacidade estranha. Homens, vestidos camisas verdes faziam gestos, gritavam, colorindo e animando a paisagem. Eram assim uma espécie de jogadores de futebol. Mas não jogavam futebol. Jogavam politica. Jogavam mal. Falavam muito. Eram barulhentos e amavam, acima de tudo, o "Meu Deus".

Queriam o monopólio do patriotismo. Também monopolizavam a honra. Nas horas vagas monopolizavam, também, Deus. E, quando não tinham nada que fazer, monopolizavam a família. Eram interessantes, e divertiam. Mas depois começaram a ficar caecetes. Queriam matar todo mundo. Ninguém queria morrer. O dr. Getúlio Vargas ficou muito aborrecido. Mas assim mesmo foi deixando. Veio o Carnaval. Na terça-feira, dia dos prestitos, os homens quiseram fazer uma brincadeira. Não era direito. Os Democráticos, os Fenianos e os Filhos do Diabo existem há muitos anos. O concorrente de ultima hora não arranjou nada. É natural: A gente gosta do Carnaval assim, uma vez por ano. Mas botar um clube no governo não dava certo. Depois que acabou o Carnaval o governo achou que não havia razão para continuar o clube.

E apareceu uma carta. Está sendo distribuída por aí. É enorme. O maior necrológio do mundo. O diretor do Clube conta, ali, direitinho, uma porção de coisas. Narra as suas fraquezas. Chora. Confessa que não manda mais nada no Clube. Lava as mãos. E, em resumo, diz mais ou menos o seguinte:

"Nunca pensei que tu fosses assim. Me vê sofrer e ainda sorri de mim..."

No meio da carta o homem diz que milhares de rapazes deixaram de beber, de jogar, de

fazer aventuras alegres só porque eram do Clube. Agora, naturalmente, que o Clube acabou, esse pessoal todo vai cair na farrá outra vez. Ao menos para esquecer...

Azar-de-Almeida é quem tinha razão:

"Al, ai, meu Deus. Tenha pena de mim..."

Um jornal — "A Tarde" — deu a notícia de que o diretor do Clube fugiu travestido, com uma sala e uma blusa. Calbina! O diretor fugiu com paletó e calça, distanciado de homem...

O homem da rua agora pôde passar calmamente pela rua Sushet.

Está sendo formado o selecionado brasileiro para o campeonato de futebol. Muita gente acha que o "training" de outro dia foi um fracasso. Patrioticamente, todo mundo discute e dá palpites. Fulano é melhor que sicrano. Beltrano é perna de pau. Às vezes saem brigas. Cada um tem um opinião diferente. Há, no Rio, dois milhões de opiniões. Se o nosso pessoal brilhar lá fora, todo mundo dirá:

— Eu não disse que o team devia ser assim? Se o nosso pessoal levar na catuca, todo mundo dirá:

— Eu não disse que isso assim não ia?

Acabaram os turistas. Agora só uma vez ou outra aparecem alguns. São engrandadíssimos. A gente não fez dos cinco continentes. Outro dia passava um deles, vermelho, com umas incrívels calças listadas, pela Avenida. Levava ao lado a sua mulher, uma esqueletica e lelesima e ardentissima e escaedissima senhora, com um incrível vestido roxo enfeitado de verborbo, com meias azues. Um pau d'agua qualquer não se conteve, fez parar o turista e perguntou:

— Mas o senhor que tem uma mulher dessas tem a coragem de viajar para mostrar "isso" ao mundo inteiro? Por que não a fecha num quarto escuro?

O carticoa inventou uma nova espécie de turismo. Não se lêta de areolar os países distantes. Trafa-se de apreciar... os turistas.